

# AS TRADUÇÕES PORTUGUESAS DOS ROMANCES POLICIAIS DE FRIEDRICH DÜRRENMATT

Micaela Moura

micaela.marques.moura@gmail.com

ISCAP-P.Porto, Portugal

## Resumo

Neste artigo será feita uma apresentação dos romances policiais do autor suíço Friedrich Dürrenmatt (1921-1990) traduzidos para língua portuguesa. Num primeiro momento serão apresentadas a génese de cada obra e também a diegese das mesmas. Será também discutida a conceção de literatura de Dürrenmatt, pois é esta a razão que levou a que os policiais e também os outros géneros literários escolhidos por este escritor helvético tivessem imenso sucesso, tanto na Suíça como também internacionalmente. Por fim, será levantada a indagação de se os textos chegaram a Portugal por via direta ou indireta.

## Abstract

In this article a presentation of the crime stories of the Swiss author Friedrich Dürrenmatt (1921-1990) translated into Portuguese will be made. In a first moment the genesis and the plot of each work will be presented. Dürrenmatt's conception of literature will also be discussed, because this is the reason why the crime novels and other literary genres chosen by this Swiss writer were immensely successful both in Switzerland and internationally. Finally, the question of whether the texts have arrived to Portugal by direct or by indirect translation will be emphasized.

**Palavras-Chave:** Dürrenmatt, *O Juiz e o seu Carrasco*, *A Promessa*, *Justiça*, Romance Policial, Tradução

**Key-words:** Dürrenmatt, *The Judge and his Hangman*, *The Pledge*, *The Execution of Justice*, Crime novels, Translation

## 1. Introdução

Friedrich Dürrenmatt - autor suíço de expressão alemã – ganhou notoriedade em Portugal com o seu primeiro grande sucesso internacional – a peça de teatro *Der Besuch der Alten Dame* (*A Visita de Velha Senhora*), que subiu aos palcos portugueses pela primeira vez em 1960 (Cf. Moura, Micaela, 2008). Além de se destacar mundialmente como dramaturgo, este escritor helvético também publicou, com grande sucesso, contos, peças radiofónicas e romances policiais, alguns traduzidos para a língua portuguesa. Neste artigo gostaríamos de nos debruçar sobre três romances policiais que foram traduzidos para português. As traduções serão apresentadas por ordem cronológica.

## 2. Sobre três policiais de Friedrich Dürrenmatt publicados em Portugal

O primeiro policial de Dürrenmatt, *Das Versprechen*, foi publicado em Portugal em 1964 com o título *A Promessa*. A génese deste texto surgiu em 1957, quando a revista suíça *Die Weltwoche* lançou um inquérito junto dos seus leitores, perguntando se havia temas especificamente suíços que deveriam ser filmados. Dürrenmatt, por esta altura já um famoso escritor de romances policiais, foi um dos inquiridos, e, em reacção à sua resposta, recebe, do produtor Lazar Wechsler (1896-1981), o convite para escrever um guião cinematográfico. A missão do filme seria o esclarecimento e o aviso em relação a atentados sexuais contra crianças e adolescentes (Matzkowski, 2004, pp. 23-24).

O filme estreou ainda em 1957, com o título *Es geschah am hellichten Tag* [Aconteceu em Pleno Dia]<sup>1</sup>, e foi um enorme sucesso. No entanto, o escritor suíço, insatisfeito com o filme, decide transformar o tema num romance policial que foi publicado em 1958.

O romance *A promessa* está dividido em 30 capítulos. Estruturalmente trata-se de duas hipodiegeses enquadradas numa diegese. Os primeiros dois capítulos e os capítulos 28 e 30 correspondem à diegese, o capítulo 29 corresponde a uma hipodiegese e os restantes capítulos correspondem à outra hipodiegese.

A diegese inicia-se com o eu-narrador, um escritor, a contar que em março desse ano tinha dado em Chur uma palestra sobre a arte de escrever romances policíacos. No final da sua palestra conhece o ex-comandante de polícia cantonal de Zurique Dr. H., que se oferece para lhe dar boleia, no dia seguinte, para Zurique.

Durante a viagem de Chur para Zurique param numa bomba de gasolina degradada, em frente à qual está sentado um homem descuidado, que o Dr. H. afirma conhecer. Quando estão de novo no carro, para prosseguir viagem, o Dr. H. explica ao eu-narrador que o homem, o Dr. Matthäi, fora, em tempos, um dos seus comissários mais capazes. É aqui que se inicia a primeira hipodiegese, onde é narrada a história do Dr. Matthäi.

Há cerca de nove anos, e três dias antes da sua partida para a Jordânia, para onde tinha sido destacado para reorganizar a polícia local, o Dr. Matthäi recebeu uma chamada telefónica, de um vendedor ambulante, chamado Von Gunten, que lhe pedia ajuda. Este último tinha encontrado na floresta o cadáver de uma criança, e estava a telefonar ao comissário por recear que suspeitassem dele. Matthäi descobre que a criança morta é Gritli Moser e que tinha sido vítima de um crime sexual. É o comissário que informa os pais de Gritli da sua morte, e durante a conversa promete à mãe encontrar o assassino. Entretanto, Von Gunten, que se tinha declarado inocente, é ouvido pelos colaboradores de Matthäi.

---

<sup>1</sup> n.t. (nossa tradução).

No final do interrogatório o vendedor declara-se culpado e pouco tempo depois é encontrado enforcado na sua cela.

No dia seguinte, já no aeroporto para apanhar o avião para a Jordânia, o comissário vê um grupo de crianças e, então, decide investigar, de novo, a morte Gritli Moser, uma vez que acredita que o vendedor ambulante era inocente. Como já não pertencia à polícia de Zurique, inicia as investigações por conta própria. Depois de consultar o psiquiatra Dr. Lochner, Matthäi fica convencido de que Gritli tinha sido vítima de um criminoso sexual, que já tinha assassinado outras crianças e que voltaria a matar.

Pouco tempo depois, Matthäi adquire uma bomba de gasolina, pois estava convencido de que o assassino passaria por aquela estrada. Ele passou a viver na casa da bomba de gasolina, conjuntamente com Frau Heller e a sua filha, Annemarie, que tinha sensivelmente a mesma idade que Gritli Moser, era fisicamente parecida com ela e que lhe serviria de chamariz. Na verdade, passado algum tempo Annemarie encontra um homem desconhecido na floresta. Todavia, ela nega o encontro. Mas o comissário não desiste de procurar o assassino e com o passar dos anos torna-se um homem descuidado e a bomba de gasolina degradada.

Voltando ao tempo da diegese, o Dr. H. explica ao escritor que, há cerca de um ano, foi chamado ao hospital, para junto de uma senhora que estava a morrer. Inicia-se aqui a segunda hipodiegese. A moribunda, Frau Schrott, confessou ao Dr. H. e a um padre presente que o marido tinha morto três meninas e que, a caminho da quarta vítima, que tinha encontrado numa bomba de gasolina, morrera num acidente de viação. Posteriormente, Dr. H. tenta contar o sucedido a Matthäi, mas ele, no estado mental em que se encontra, já não consegue absorver a informação.

Como já referi anteriormente, este romance parte do guião de um filme para cinema. A principal diferença entre o filme e o romance reside no desfecho do texto. Enquanto que no filme se pretendia um final com moral, em que o criminoso é castigado,

no romance o mesmo morre impune. Tal se deve ao facto de Dürrenmatt pretender, tal como já havia feito em relação a outros romances policiais<sup>2</sup>, colocar este género em causa. Daí também o subtítulo *Requiem ao romance policial* (cf. Matzkowski, 2004, pp. 25-27), que se concretiza quando o assassino da criança é confirmado, por acaso, pela confissão de uma velha senhora que está a morrer (constituindo, assim, um anti-clímax), e não pelas investigações realizadas pelos criminalistas (cf. Niederer, 1989, p. 65). O conjunto de acasos<sup>3</sup> que surge como elemento fundamental deste romance pode ser considerada a pior viragem possível<sup>4</sup> (cf. Sotiraki, 1983, p. 58).

Estruturalmente neste texto é exposta, numa primeira parte, uma tese, que posteriormente é comprovada com uma história. Durante a viagem de carro que Dr. H e o eu-narrador fazem para Zurique, o ex-comandante de polícia dá a sua opinião em relação aos romances policiais:

*Der Wirklichkeit ist mit Logik nur zum Teil beizukommen. Dabei, zugegeben, sind gerade wir von der Polizei gezwungen, ebenfalls logisch vorzugehen, wissenschaftlich; doch die Störfaktoren, die uns ins Spiel pfuschen, sind so häufig, daß allzu oft nur das reine Berufsglück und der Zufall zu unseren Gunsten entscheiden. Oder zu unseren Ungunsten. Doch in euren Romanen spielt der Zufall keine Rolle, und wenn etwas nach Zufall aussieht, ist es gleich Schicksal und Fügung gewesen (...)* (Dürrenmatt, 1985a, p. 12)

<sup>2</sup> Segundo Flora Sotiraki, este romance é na realidade um “romance de detetive”, e não um romance policial. Isto porque, no romance policial é investigado o crime e o criminoso. Enquanto no “romance de detetive” o próprio detetive está no centro das atenções (cf. 1983, p. 41).

<sup>3</sup> Como explica a investigadora Lurdes Sampaio (2001, p. 50): “Se há uma palavra-chave na obra deste escritor suíço de expressão alemã, essa palavra é «Acaso» («Der Zufall»), a palavra através da qual Dürrenmatt nos falará (muitas vezes de forma humorística e irónica) da imprevisibilidade, da ininteligibilidade do Universo ou da irracionalidade da existência humana. Conceito nuclear de uma filosofia de vida pessoal de onde Deus foi excluído, o Acaso (que não pode confundir-se com o Destino ou a Providência) [...]”.

<sup>4</sup> “A pior viragem possível” é uma expressão retirada do 4.º ponto dos *21 Pontos sobre os Físicos* (21 Punkte zu den Physikern), adenda que Dürrenmatt acrescentou no final da peça de teatro *Os Físicos* para auxiliar os leitores na compreensão da peça: 4. Die schlimmstmögliche Wendung ist nicht voraussehbar. Sie tritt durch Zufall ein. (*Die Physiker*, p. 91)[ 4. Não se pode prever o pior rumo possível. Acontece por acaso. (Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo, 1964, Lisboa: Portugália Editora)]. Finais trágicos são típicos deste escritor helvético e que, provocados por um acaso (ou vários), surgem nas suas obras num determinado ponto da ação, que não foram provocadas pelas personagens e que contradizem os procedimentos planeados. No mundo caótico apresentado por Dürrenmatt surge assim o acaso – em vez da responsabilidade e do planeamento (cf. Pasche, 1997, p. 9).

[A realidade, o dia a dia, pouco ou nada têm que ver com a lógica! Eu bem sei que também nós, na polícia, somos obrigados a agir de acordo com a lógica, segundo um plano racional, diria mesmo científico; no entanto, o imprevisto, os factores que nos vêm falsear o jogo, são tão frequentes, assumem proporções tais, que não raro apenas o acaso ou a sorte vêm decidir em nosso favor, ou em nosso desfavor, depende. Ora acontece que nos vossos romances o acaso não intervém, nunca desempenha papel de relevo, e por vezes quando surge é para logo assumir as feições do Destino.... ou da Providência.]<sup>5</sup>

Este juízo de valor, que funciona como tese, surge na sequência da temática da palestra dada no dia anterior pelo eu-narrador, mas deve-se, sobretudo, ao facto de terem eles parado numa bomba de gasolina, que pertence a Matthäi, cuja história o Dr. H. passa a narrar.

A primeira, e maior, hipodiegeese inicia-se como todos os outros policiais: com a descoberta de um cadáver, cujo assassino terá que ser encontrado. O caso é estudado pelo comissário Matthäis, homem extremamente competente, cujo pensamento se baseia na lógica e cujas investigações estariam certas, se não se desse o acaso do assassino de Gritli Moser morrer num acidente, quando se deslocava para se encontrar com Annemarie.

A personagem principal sofre com a morte de Gritli Moser uma profunda transformação. Antes do assassinio era um homem solitário, que não fumava e não bebia, que se dedicava por completo à sua vida profissional, onde tinha um enorme sucesso, mas sem vida pessoal. Após a tomada de decisão de encontrar o verdadeiro assassino da filha dos Mosers, que tem lugar no 17.º capítulo, portanto, a meio do livro, o polícia começa a beber e a fumar e torna-se agressivo.

---

<sup>5</sup> Todas as citações deste policial seguem a tradução de Maria da Luz Mota Veiga.

Tal como já outras personagens dürrenmattianas<sup>6</sup>, também Matthäis carrega uma culpa, que reside, principalmente, no comportamento amoral que tem em relação a Annemarie, que utiliza como o seu chamariz. Mas, também, se deve ao facto de não ter conseguido ajudar Von Gunten, e de ter mentido à mãe de Annemarie, em relação às suas intenções, e de Annemarie e a sua mãe, por fim, terem caído na criminalidade e prostituição (cf. Matzkowski, 2004, p. 93).

Não podemos, também neste texto, ignorar a importância dos nomes. Matthäi, com uma clara conotação religiosa e Schrott, o apelido do assassínio de Gritli Moser, que significa “sucata” ou “ferro-velho” (cf. Matzkowski, 2004, p. 94).

No final do romance o leitor fica a saber que o assassino morreu, mas a nível legal não recebeu o castigo que merecia, perdendo, por isso, a sua validade, porque outra pessoa (Von Gunten) morreu inocentemente (cf. Matzkowski, 2004, p. 93). Este desfecho é tipicamente dürrenmattiano, uma vez que o seu mundo não permite, ao contrário do que acontecia nos policiais do séc. XIX, onde no final da diegese a ordem do mundo é reposta, um final positivo. No entanto, isto não o impedia de solucionar os casos propostos (cf. Marsch, 1983, p. 254).

Este romance policial foi publicado em língua portuguesa, em 1964, pelas *Publicações Europa-América*, na colecção *Os Livros das Três Abelhas*. A tradução coube a Maria da Luz Mota Veiga e sabemos que o texto foi traduzido directamente do alemão, conforme indicação constante na contracapa do livro.

O segundo romance de Dürrenmatt traduzido para português surge muitos anos depois em 1987, e intitula-se *Justiça*. O autor iniciou a escrita deste romance em 1957. Mas, devido à elaboração de outros textos, apenas o publicou em 1985. Antes da publicação em livro, o texto saiu em pequenas sequências encurtadas, na revista “Stern” (do n.º 34 de 25 de Agosto de 1985 ao n.º 46 de 7 de Novembro de 1985) [Dürrenmatt, 1987, p. 237]). Em

---

<sup>6</sup> Como, por exemplo, as personagens Claire Zachnassian, Alfred Ill e os habitantes de Gullen na peça de teatro *A Visita da Velha Senhora* ou os três físicos na peça de teatro *Os Físicos*.

conjunto com o autor suíço ainda foi planeada a realização de um filme sobre este romance, que veio a lume em 1993 (*ibidem*, pp. 235-237).

O romance está dividido em três partes. Nas primeiras duas, o advogado Félix Spät escreve sobre o caso mais absurdo que alguma vez tivera e que o arruinou. A última parte tem lugar, a nível temporal, muito mais tarde e é escrita por um escritor que pretende publicar um livro com as investigações que fizera sobre este caso.

Na primeira parte é narrado como um deputado e antigo advogado, Isaac Kohler, entra no restaurante *Du Theatre*, superlotado, e assassina o germanista Prof. Winter. Pouco tempo depois o assassino é preso, sem oferecer resistência. Apesar de não existirem provas concretas, nem um motivo para o assassinio, Kohler é condenado a 20 anos de prisão. Já na prisão, Kohler contrata Spät, para investigar de novo o seu caso, partindo do princípio de que ele não é o assassino. O advogado aceita o caso por razões financeiras.

Durante a segunda parte, Spät contrata um detetive, para recolher indícios sobre este caso. Rapidamente este descobre que não existe arma do crime, que não houve uma confissão clara e que não foram ouvidas testemunhas. O que torna a sentença insustentável e Kohler é libertado. Ao mesmo tempo, o suicídio de um outro suspeito do assassinio é interpretado como a confissão de culpa, que não fora feita. No entanto, Spät, com este caso, prejudica a sua boa reputação e vê apenas uma saída: assassinar Kohler e de seguida cometer suicídio.

A última parte do romance é escrita pelo autor, e o leitor fica a saber que o assassinio, seguido do suicídio planeado por Spät fracassou. Fica também inteirado de que o Prof. Kohler apenas encenou um assassinio, que fazia parte de um plano cuidadosamente pensado e complexo, para deste modo se aproveitar das fraquezas humanas e dos limites do moderno aparelho de justiça.

Verificamos que o tema central é a justiça, temática recorrente na obra dürrenmattiana e que vai ser levada ao extremo com este romance, como o próprio título

indica. No cerne da questão encontra-se a diferenciação entre as duas palavras *Justiz* e *Gerechtigkeit*, que em português, poderão ser traduzidas por *direito* e *justiça*, respetivamente. Como vimos, esta diferença traduz-se na ridicularização do direito pelo criminoso Kohler, que consegue comprovar que é o melhor jurista. Apesar de, no final do romance, sabermos que o deputado é o assassino, ele é libertado. Kohler sabe que o direito é uma farsa, mas com determinadas regras de jogo, que ele bem conhece e, por isso, ele é o melhor jogador (cf. Stumm, 2003, p. 90).

*Justiça* aproxima-se dos romances policiais de Dürrenmatt, pois inicia com uma morte que terá de ser investigada. A estrutura do romance lembra a de *O Juiz e o seu Carrasco* – que vamos analisar de seguida - onde aparentemente a solução da morte de Schmied parece ser o centro da trama, mas que esconde outra questão muito maior e muito mais antiga. Semelhante a Bärlach, que movimentava Tschanz como se fosse uma figura de xadrez, também o deputado Kohler é um brilhante jogador de bilhar, que movimentava Spät como se fosse uma bola de bilhar.

No entanto, este romance distingue-se deste género pelo facto de o protagonista não ser um criminalista, mas sim um advogado que, como no fim do romance ficamos a saber, é a verdadeira vítima deste romance. Segundo Reinhardt Stumm, Spät não consegue distinguir entre o direito e a justiça e, por isso, falha (cf. 2003, pp. 88-90).

Uma das principais influências da escrita de Dürrenmatt é a temática do labirinto, que está bem presente neste texto<sup>7</sup>. Além de o caso Kohler apresentar-se como um autêntico labirinto de ações, o próprio deputado, na prisão, dedicava-se à feitura de cestos (cf. Burkhard, 1991, p. 244).

Segundo Martin Burkhard, e ainda relativamente a esta temática, e tal como Dürrenmatt fez em relação ao mundo, podemos identificar as duas primeiras partes escritas

---

<sup>7</sup> Sobre as temáticas recorrentes na obra de Friedrich Dürrenmatt cf. Moura, Micaela (2017), *Breves considerações sobre a conceção de literatura em Friedrich Dürrenmatt*, in: Polissema – Revista de Letras do ISCAP n.º 17, pp. 141-162.

pelo advogado Spät como sendo a perspectiva do Minotauro, e a última parte, escrita pelo editor, a perspectiva de Dédalo (cf. 1991, p. 254). Dürrenmatt interpretou a fase de identificação com o Minotauro como sendo um castigo. Também aqui podemos afirmar que Spät está fechado no labirinto, ou seja, fechado neste caso, que pode ser interpretado como castigo. Na última parte do romance, podemos identificar o escritor com Dédalo, que consegue ter do mundo, isto é, do caso Kohler, uma visão mais distanciada, assim como Dédalo a teve do labirinto e, conseqüentemente conseguiu dominar o mundo.

Por fim, gostaria também aqui de salientar a importância do significado do apelido do protagonista Félix Spät, que traduzido para português significa *tarde*. Como tive oportunidade de mostrar, ao longo de todo o romance, o protagonista apenas se apercebe da verdadeira dimensão das situações demasiado tarde.

A tradução deste romance coube à conhecida tradutora Maria Emília Ferros Moura, e o texto de partida foi o original em alemão. Este texto foi publicado, em 1987, por duas editoras diferentes: pelo Círculo de Leitores e pela editora Relógio D'Água.

A última tradução de um romance policial de Dürrenmatt aqui apresentado tem como título *O Juiz e o seu Carrasco* e foi publicado em língua portuguesa em 1993 e reeditado em 2002.

Este romance policial foi o primeiro texto que Friedrich Dürrenmatt redigiu por necessidade financeira. Em 1950, casado, pai de dois filhos e com pouco sucesso nas peças até então levadas a palco, o autor suíço propõe a publicação deste policial a várias editoras, e o texto acaba por ser publicado, em folhetim, entre 15 de Dezembro de 1950 a 31 de Março de 1951, no jornal quinzenal *Der Schweizerische Beobachter*. Pouco tempo depois, em 1952, é editado, em livro (cf. Matzkowski, 2005: 25) e pertence hoje, aos seus maiores êxitos mundiais.

O primeiro filme baseado nesta obra foi realizado em 1957, para a ARD (primeiro canal da televisão alemã), e contou com a colaboração de Friedrich Dürrenmatt. O policial

voltou a ser adaptado a filme, em 1975, pelo conhecido ator e realizador austríaco Maximilian Schell (1930-2014) [cf. Pasche, 1997, pp. 55-56].

*O Juiç e o seu Carrasco* inicia-se com a descoberta, num mercedes azul, do cadáver de Ulrich Schmied, tenente da polícia de Berna, pelo polícia Alphons Clenin. Schmied tinha sido o melhor colaborador de Hans Bärlach, um velho criminalista da mesma cidade suíça, que se desloca ao local do crime e encontra, por acaso, uma bala de um revólver. No entanto, por se encontrar doente, entrega toda a pesquisa nas mãos do seu assistente, Tschanz. Este, e após algumas investigações, atribui o assassinio a Gastmann, depois de descobrir que Schmied tinha frequentado a casa deste criminoso, sobre falso nome (Doktor Prantl), para fazer investigações. Nessa mesma noite e ao investigar a casa de Gastmann, Tschanz e Bärlach são atacados por um cão de Gastmann, que é morto por Tschanz.

No dia seguinte tem lugar o funeral do tenente do polícia assassinado. Durante a cerimónia fúnebre aparecem dois bêbados, a cantar e a dançar, que trazem uma coroa com um laço, com a seguinte inscrição: “Unserem lieben Doktor Prantl!” (Dürrenmatt, 1985b, p. 61) [Ao nosso querido Doutor Prantl]<sup>8</sup>. No funeral também está presente Tschanz, com uma jovem mulher loura, chamada Anna.

Quando Bärlach chega a casa encontra Gastmann à sua espera. Com este encontro o leitor fica a saber que o criminalista e o criminoso já se conhecem há mais de quarenta anos e que, em tempos, Gastmann apostou em como cometeria um crime que Bärlach nunca conseguiria comprovar. Segundo o criminalista isso seria impossível, porque o acaso faz com que todos os crimes sejam descobertos

*([...] die menschliche Unvollkommenheit, die Tatsache, daß wir die Handlungsweise anderer nie mit Sicherheit vorauszusagen, und daß wir ferner den Zufall, der in alles hineinspielt, nicht unsere Überlegung einzubauen vermögen, der Grund sei, der die meisten Verbrechen zwangsläufig zutage fördern müsse. Ein*

---

<sup>8</sup> Todas as citações deste policial seguem a tradução de Fátima Freire de Andrade.

*Verbrechen zu begehen nanntest du eine Dummheit, weil es unmöglich sei, mit Menschen wie mit Schachfiguren zu operieren.* (Dürrenmatt 1985b, pp. 65-67),

*[(...) a imperfeição humana era a razão pela qual não podíamos prever com segurança o modo de agir de outrem, e que além disso o Acaso, que intervém em tudo, impossível de enquadrar nas nossas previsões, seria o motivo que deveria forçar a ocorrência da maioria dos crimes hoje em dia. Cometer um crime, disseste tu, era uma estupidez, porque era impossível lidar com as pessoas como se fossem peças de xadrez.]*

Ao contrário do criminoso, que afirmara que seriam as complicadas relações humanas que encobririam os crimes

*[(...] daß gerade die Verworrenheit der menschlichen Beziehungen es möglich mache, Verbrechen zu begehen, die nicht erkannt werden könnten, daß aus diesem Grunde die überaus größte Anzahl der Verbrechen nicht nur ungeahndet, sondern auch ungeahnt seien, als nur im Verborgenen geschehen.* (Dürrenmatt, 1985b, p. 67)

*[(...) de que era precisamente o caos das relações humanas que tornava possível cometer crimes, os quais não podiam ser descobertos e que, por esse motivo, a maioria dos crimes não ficavam impunes como também passavam despercebidos, mais do que os que acontecem dissimuladamente.]*

Gastmann acabaria por matar um comerciante alemão, escolhido ao acaso, e Bärlach nunca o conseguiria provar. Durante a conversa, os leitores também ficam informados de que fora Bärlach que enviara Schmied, sob falso nome, à casa de Gastmann, para fazer investigações.

Tschanz culpabiliza Gastmann pela morte de Schmied e pretende acabar rapidamente a investigação, sobretudo para ficar com o lugar deixado vago por Ulrich Schmied. Os leitores ficam a saber que Tschanz fora um rival, tanto a nível profissional,

como pessoal, de Schmied, e que agora tinha acabado de comprar o mercedes azul de Schmied e ficado noivo da namorada dele (Anna).

Quando Bärlach não acede a continuar a investigar a vida de Gastmann, Tschanz desespera. Ele decide confrontar Gastmann sozinho e acaba por assassiná-lo (este já tinha sido anteriormente avisado por Bärlach, que lhe iria enviar um carrasco).

Por fim, e durante um jantar que o criminalista oferece a Tschanz, o leitor fica a saber que o assassino de Schmied fora Tschanz, que praticou o crime por inveja e ciúmes. No final do romance, Tschanz morre num acidente de viação, não se sabendo se ele cometeu suicídio ou se foi realmente um acidente.

Escrever romances policiais, nos anos 50, e apesar de ter sido uma preciosa ajuda monetária, era prejudicial à boa reputação de um escritor (cf. Pasche, 1997, p. 5). Como tal, e para justificar a conciliação destes dois fatores, Dürrenmatt explicou que pretendia fazer arte onde ninguém a supunha:

*Wie besteht der Künstler in einer Welt der Bildung, der Alphabeten? Eine Frage, die mich bedrückt, auf die ich noch keine Antwort weiss. Vielleicht am besten, indem er Kriminalromane schreibt, Kunst da tut, wo sie niemand vermutet. Die Literatur muss so leicht werden, dass sie auf der Waage der heutigen Literaturkritik nichts mehr wiegt: Nur so wird sie wieder gewichtig. (Dürrenmatt, 1980, pp. 71-72)*

*[Como é que o artista consegue existir num mundo da formação, de alfabetas? Uma questão que me preocupa, mas para a qual eu não tenho resposta. Talvez o melhor será escrever romances policiais, fazer arte, onde ninguém a supõe. A literatura tem de ficar tão leve, que não pese nada na balança da crítica literária atual. Só assim ela ganha de novo peso.]<sup>9</sup>*

De todos os textos policiais escritos por Dürrenmatt, *O Juiz e o seu Carrasco* é o policial que mais se aproxima do seu género. Estruturalmente obedece em muito às regras do romance policial convencional: inicia-se com a descoberta de um cadáver, continua com

---

<sup>9</sup> n.t.

a procura do assassino, a reconstrução e o esclarecimento do crime e, no fim, o assassino é encontrado (cf. Nusser, 2003, p. 22).

No entanto, o romance revela características narrativas tipicamente dürrenmattianas, nomeadamente o acaso, que, como sabemos, foi a razão para a aposta entre Gastmann e Bärlach. E é, também, uma série de acasos que vai ajudar a resolver o assassinio de Schmied. A aposta feita leva a outro tema recorrente em Dürrenmatt, o da culpa e da responsabilidade, que Bärlach terá que assumir duas vezes. A primeira vez quando aceitou a aposta, e a segunda vez quando Gastmann morre.

O conceito do indivíduo que se sobrepõe ao coletivo e a oposição indivíduo/mundo, que muitas vezes é abordado nos contos e nos dramas de Dürrenmatt agrava-se, segundo Edgar Marsch, nos seus romances policiais, em especial, porque o detetive procura, como indivíduo, tornar-se senhor do mundo. Este mundo que apresenta deficiências, e onde o crime é o sintoma da falta de equilíbrio de um todo (1983, p. 249).

O texto tem dois níveis de narração (a resolução do assassinio de Schmied e a aposta entre Gastmann e Bärlach), de cuja existência o leitor só se apercebe a meio do romance. A verdadeira importância da relação de perseguição do criminoso e do criminalista apenas no final é revelada.

No final do texto é revelado o paradoxo de toda a história: Bärlach apenas consegue apanhar Gastmann, seguindo a tese deste, porque utiliza Tschanz como se fosse uma figura de xadrez. Esse facto também se evidencia pelo significado do nome de Tschanz, que em inglês (Chance) significa, por um lado, “acaso”, podendo ser interpretado como Tschanz por acaso vai ajudar Bärlach a resolver uma questão já antiga e, por outro lado, significa “oportunidade”, a oportunidade que Bärlach teve de ganhar a aposta (cf. Pasche, 1997, p. 44). Esta última tradução do nome de Tschanz evidencia o facto de Bärlach ter escolhido este polícia de propósito para investigar este caso, apesar de ele se

encontrar de férias. Uma vez que Bärlach sabia que Tschanz era o assassino de Schmidt, fê-lo a sua ferramenta (cf. Marsch, 1983, pp. 255-256).

O desfecho deste romance policial, em semelhança aos outros policiais dürrenmattianos, não termina com o *happy-end* tradicional deste género, mas sim com a questão sobre o mal absoluto, sobre a relação de meios e fins, sobre a culpa, isto é, a inocência de Bärlach e cuja função é provocar os leitores (cf. Große, 1998, pp. 148-149).

Este romance policial foi publicado, pela primeira vez, em Portugal, em 1993, pelas Edições Asa e, em 2002, foi reeditado pela mesma editora. O texto foi traduzido pela tradutora de alemão sobejamente conhecida Fátima Freire de Andrade.

### 3. Conclusão

Em jeito de conclusão constatamos que os três romances policiais de Dürrenmatt que até hoje foram publicados em Portugal foram sempre traduzidos diretamente do alemão, o que – pelo menos em relação ao primeiro texto aqui mencionado, *A promessa*, em 1964 – era um facto raro, visto a língua alemã então ser uma língua pouco estudada, dando-se preferência ao francês e ao inglês. Tratamos neste artigo, pois, de três traduções diretas do alemão, elaboradas por três tradutoras conceituadas do panorama tradutório português.

A primeira tradução aqui apresentada foi publicado ainda no período do Estado Novo (1933-1975), altura em que tanto a literatura nacional como estrangeira era rigorosamente controlada pela censura<sup>10</sup>. Sobretudo as peças de teatro eram proibidas de serem representadas em Portugal, pois como explica Luíz Francisco Rebelo, “o regime derrubado em 25 de Abril hostilizava, na realidade, o teatro, por temer o seu poder de penetração junto das massas, de que possuía uma assustadora consciência” (1977, p. 12).

---

<sup>10</sup> Com a publicação do Decreto n.º 13 564 instituiu-se a censura prévia aos espectáculos, ordenando a proibição de todos que fossem considerados «ofensivos da lei, da moral e dos bons costumes» a fim de «impedir a perversão da opinião pública» (cf. Dicionário de História do Estado Novo, Volume II, p. 964).

Apesar de Friedrich Dürrenmatt se ter tornado conhecido fora do espaço suíço com a publicação de romances policiais, o primeiro grande sucesso como dramaturgo viria a ser com a representação em Portugal da peça *A Visita da Velha Senhora* (*Der Besuch der Alten Dame*) em finais dos anos 50, coincidindo com os anos de alguma abertura na censura portuguesa.

A tradução desta obra para o Português foi feita pelo poeta, dramaturgo e locutor Olavo d'Eça Leal (1908-1976), em 1960, a partir da tradução e adaptação francesa – *La visite de la vieille dame* (1956) – traduzida para o Francês por Jean-Pierre Porret e editada pela Flammarion, tratando-se, portanto, uma tradução por via indireta. O mesmo texto foi publicado, ainda no mesmo ano, em livro, em tradução a partir da tradução francesa, no entanto, com a revisão feita a partir do texto original<sup>11</sup>. Mais tarde, em 1965, viria a ser publicada uma segunda tradução da peça<sup>12</sup>, feita diretamente do original.

Hoje encontra-se uma pequena parte das obras de Friedrich Dürrenmatt traduzida para o Português, na sua grande maioria diretamente do alemão, a saber, sete peças de teatro<sup>13</sup>, três romances policiais<sup>14</sup>, três peças de teatro editadas em livro<sup>15</sup>, três contos<sup>16</sup> e uma novela<sup>17</sup>.

### Bibliografia

Burkhard, Martin (1991), *Dürrenmatt und das Absurde – Gestalt und Wandlung des*

*Labyrinthischen in seinem Werk*, Bern: Peter Lang.

<sup>11</sup> Revisão feita por Rosário Corte-Real a partir do texto original.

<sup>12</sup> Tradução feita por Irene Issel e Jorge de Macedo.

<sup>13</sup> “A Visita de Velha Senhora” (1960) [*Der Besuch der Alten Dame*], “O Outro” (1961) [*Der Doppelgänger*], “A dança da morte em doze assaltos” (1970) [“*Play Strindberg*” (1990)] [*Play Strindberg – Totentanz nach August Strindberg*], “O processo da sombra de um burro (1970) [*Der Prozess um des Esels Schatten*], “Os Físicos” (1971) [*Die Physiker*], “Rómulo” (1981) [*Romulus, der Große*], e “O Colaborador” (2001) [*Der Mitmacher*].

<sup>14</sup> “A promessa” (1964) [*Das Versprechen*], “Justiça” (1987) [*Justiz*] e “O juiz e o seu carrasco” (1993) [*Der Richter und sein Henker*].

<sup>15</sup> “A Visita de Velha Senhora” (1960 e 2017) [*Der Besuch der Alten Dame*] e “Os Físicos” (1965) [*Die Physiker*].

<sup>16</sup> “O Crepúsculo do Outono” (1962) [*Abendstunde im Spätherbst*], “O acidente” [*Die Panne*] (1963) e “O Túnel” (1991) [*Der Tunnel*].

<sup>17</sup> “A Missão” (1989) [*Der Auftrag*].

Dicionário de História do Estado Novo (1996), Volume I e II, Direcção de Fernando Rosas e J.M.Brandão de Brito, Venda Nova: Bertrand.

Dürrenmatt, Friedrich (1964), *A Promessa*, Tradução de Maria da Luz Mota Veiga, Lisboa: Publicações Europa-América.

\_\_\_\_\_(1960), *A Visita da Velha Senhora – Tragicomédia*, Tradução de Olavo d'Eça Leal e revisão de Rosário Corte-Real, Teatro no Bolso, Lisboa: Contraponto.

\_\_\_\_\_(1964), *A Visita da Velha Senhora: Comédia trágica, com posfácio – Os Físicos*, Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo, Lisboa: Portugália Editora.

\_\_\_\_\_(2017), *A Visita da Velha Senhora*, Tradução de João Barrento, Livrinhos do Teatro, Lisboa: Cotovia.

\_\_\_\_\_(1985a), *Das Versprechen*, Zürich: Diogenes.

\_\_\_\_\_(1998), *Der Besuch der Alten Dame – Eine tragische Komodie – Neufassung 1980*, Werkausgabe in siebenunddreißig Bänden, Band 5, Zürich: Diogenes.

\_\_\_\_\_(1985b), *Der Richter und sein Henker*, Zürich, Diogenes.

\_\_\_\_\_(1987), *Justiça*, Tradução de Maria Emília Ferros Moura, Lisboa: Relógio D'Água.

\_\_\_\_\_(1998), *Justiz*, Werkausgabe in siebenunddreißig Bänden, Band 25, Zürich: Diogenes.

\_\_\_\_\_(1974), *O Juiz e o seu Algoz. A pane*, Tradução de Stella Altenbernd, Lisboa: Companhia de Livros e Discos.

\_\_\_\_\_(1981), *O Juiz e o seu Carrasco. A Avaria*, Tradução de Maria Eugénia Águas, Lisboa: Círculo de Leitores.

\_\_\_\_\_(1993, 2002), *O Juiz e o seu Carrasco*, Tradução de Fátima Freire de Andrade, Porto: Edições Asa.

\_\_\_\_\_(1980), “Theater, Essays, Gedichte und Reden“, in: Friedrich Dürrenmatt, *Dürrenmatt Werksausgabe in 29 Bänden*, Bd. 24, Zürich: Arche.

- Große, Wilhelm (1998), *Literaturwissen für Schule und Studium Friedrich Dürrenmatt*, Stuttgart: Philipp Reclam jun.
- Marsch, Edgar (1983), *Die Kriminalerzählung – Theorie, Geschichte, Analyse*, München: Winkler Verlag.
- Matzkowski, Bernd (2004), *Friedrich Dürrenmatt: Das Versprechen*, Königs Erläuterungen und Materialien, Hollfeld: C. Bange Verlag.
- Matzkowski, Bernd (2005), *Friedrich Dürrenmatt: Der Richter und sein Henker*, Königs Erläuterungen und Materialien, Hollfeld: C. Bange Verlag.
- Moura, Micaela (2008), *Tradução directa ou indirecta? A recepção da (primeira) obra de Friedrich Dürrenmatt em Portugal*, in: Polissema – Revista de Letras do ISCAP no. 8, pp. 153-162.
- \_\_\_\_\_(2017), *Breves considerações sobre a conceção de literatura em Friedrich Dürrenmatt*, in: Polissema – Revista de Letras do ISCAP n.º 17, pp. 141-162.
- Niederer, Ueli (1989), “Grotesken zum wahren Ende – Neuerlicher Versuch über Dürrenmatts Kriminalromane“, in: *die horen – Zeitschrift für Literatur, Kunst und Kritik*, 34. Jahrgang, 2. Quartal 1989, Bremerhaven: Wirtschaftsverlag – Verlag für Wissenschaft, pp.61-71.
- Nusser, Peter (2003), “Der Kriminalroman”, Stuttgart: Verlag J.B. Metzler.
- Pasche, Wolfgang (1997), *Interpretationshilfen Friedrich Dürrenmatts Kriminalromane – Der Richter und sein Henker, Der Verdacht, Die Panne, Das Versprechen*, Stuttgart: Ernst Klett Verlag.
- Rebello, Luiz Francisco (1977), *Combate por um teatro de combate*, Lisboa: Seara Nova.
- Sotiraki, Flora (1983), *Friedrich Dürrenmatt als Kritiker seiner Zeit*, Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Stumm, Reinhardt (2003), “Die anderen Stoffe «Justiz» - «Der Auftrag oder vom Beobachten des Beobachters des Beobachters» - «Durcheinandertab», in: Heinz

Ludwig Arnold (Hrsg.), *Friedrich Dürrenmatt*, Dritte Auflage, Neufassung, Text + Kritik – Zeitschrift für Literatur, XII/03, pp. 87-97.

Vilas-Boas, Gonçalo; Sampaio, Maria de Lures (2001), *Crime, detecção e castigo: estudo sobre literatura policial*, Porto: Granito.